Racismo e sexismo na cultura psicanalítica brasileira¹

Kleber Salomão²

A prática psicanalítica aqui é uma certa espécie de ação, e o discurso psicanalítico também serve de baliza para o modo como compreendemos nossas ações em relações e grupos, e para o modo como a ação é descarregada por certos padrões de libido, certas linhas de força que permitirão ou frustrarão a felicidade. Em uma síntese dialética ideal entre razão e desejo, teoria e experiência, o debate psicanalítico em trabalho crítico também acena para a promessa de uma práxis que trará realização, ao mesmo tempo em que dispõem as condições para a realização de outros. O discurso psicanalítico, mesmo em seus momentos mais pessimistas, tem levado as pessoas a pensar que ele é capaz de aumentar a felicidade individual, e mesmo a soma total da felicidade humana, mas para dar cabo disso nossa ação em práxis deve envolver uma mudança pessoal.

Ian Parker em *Cultura psicanalítica: discurso psicanalítico na sociedade ocidental*.

A psicanálise, no Brasil, oferece ao seu público inúmeras contribuições — interessantes e problemáticas — para a análise do sofrimento psíquico de toda a gente que ocupa com aquele território; muito embora seu arcabouço teórico, as formas de sua transmissão e os espaços onde tal transmissão toma assento sejam passíveis de reprodução e perpetuação de violências estruturantes, intrínsecas e necessárias à manutenção do aparato colonial-capitalista que relega corpos e subjetividades de pessoas não-brancas e dissidentes da norma de gênero à subalternidade e a manicomialização. Além disso, a maneira como a psicanálise é transmitida pode fazer com que a pessoa em formação se aliene, também com auxílio da psicanálise, da realidade material que assola nossa sociedade, crendo que o edifício teórico construído em Viena, no início do século 20, ou na Inglaterra e na França dos anos 1960-70, dará conta de analisar as subjetividades e os corpos no contexto brasileiro do século 21.

¹ Apresentado ao 2º Colóquio Psicanálise e Amefricanidade, onde foi abordada a temática “A relação entre universidades e coletivos: interpelações mútuas” em 2 de Dezembro de 2023.

² Faz parte do Fios e Psicanálise Periférica, coletivos que lutam por popularização, democratização e ressignificação da psicanálise em territórios periféricos. Também é membro do coletivo HáMalta: psiquê e arte marginal e, em conjunto com demais pessoas integrantes, produz pesquisas que apostam — para além das ciências particulares como a psicanálise, a filosofia, a semiótica e a sociologia — na escuta do saber singular que toda gente desvela em sua crítica ao conflito social que nos atravessa cotidianamente.

Pensando na relação entre universidades e coletivos, apontarei as problematizações que enxergo necessárias no encontro entre as duas maneiras de *ler, fazer e transmitir* psicanálise. As interpelações aqui apresentadas terão como escopo as possibilidades de reprodução das violências estruturantes naquela relação; levando em consideração que o espaço das universidades é formado, majoritariamente, por corpos que representam a branquitude, tantas vezes filiados ao pensamento hegemônico. E o lugar daquele que vos escreve é o de representante dos inúmeros coletivos de psicanálise atuantes nos territórios periféricos do Brasil — coletivos formados, em sua maioria, por pessoas não-brancas, pobres e dissidentes da norma de gênero.

A intenção é negritar aquelas que se anunciam, desde o meu ponto de vista, as três principais formas de violências estruturantes reproduzidas no encontro entre a universidade e os coletivos: o racismo, o sexismo e a lida com as contradições que se desdobram quando do choque entre culturas. O racismo, o sexismo e a cultura são temas já explorados por Lélia Gonzalez, autora basilar para os argumentos aqui apresentados; e o que acredito ser uma das suas contribuições cruciais é a lida com as contradições que a colisão entre culturas promove. Enquanto questões como “quais espaços ocupar?”; “quem pode falar?”; “onde está e/ou se produz o saber?”; “como se forma e/ou se autoriza psicanalista?” são tranquilamente respondidas pela branquitude que ocupa as universidades e os espaços convencionais de transmissão da psicanálise, nos coletivos, as mesmas perguntas são causadoras de angústia que tanto provocam sofrimento quanto nos possibilita um aprimoramento no manejo da contradição. Ora, a contradição é uma espécie de limite, uma fronteira, uma margem. Os corpos que ocupam as margens se parecem mais com aqueles que ocupam os coletivos do que com aqueles que ocupam as universidades. **Aqui está uma afirmação importante.** A comparação metonímica entre contradição e margem nos permite elaborar argumentos sobre qual cultura lida com a contradição de maneira a produzir coisas a partir dali e qual cultura se assenta de maneira confortável naquilo que é mais bem definido como atos contraditórios do que uma verdadeira lida com a contradição.

Racismo

Assim, enquanto o racismo não tiver sido eliminado da vida e da imaginação do nosso tempo, será preciso continuar a luta pelo advento de um mundo para além das raças. Mas, para chegar a esse mundo a cuja mesa todos são convidados a se sentar, ainda é preciso se ater a uma rigorosa crítica política e ética do racismo e das ideologias da diferença. A celebração da alteridade só tem sentido se ela se abrir para a questão crucial do nosso tempo, a questão da partilha, do comum e da abertura à exterioridade.

Achille Mbembe em trecho de *Crítica da Razão Negra*

Gostaria, desde já, de negritar que meus escritos têm como propósito servir de alento para os corpos lançados às margens e, ao mesmo tempo, ser uma causa de coceira incômoda para tudo aquilo que aprendemos a chamar de “branquitude”. Por isso, parafraseando o rapper Criolo, "fique atento, quando uma pessoa lhe oferece um caminho mais curto, fique atento!". E qual é o caminho mais curto para o capitalismo? O dinheiro! O dinheiro abre portas, dá passagem. O dinheiro compra a passagem e a porta.

E quais corpos têm mais dinheiro?

Os corpos que representam a branquitude são os corpos que têm mais dinheiro. E os corpos que têm mais dinheiro são os que costumam habitar as universidades e os espaços convencionais onde a psicanálise circula. Ao menos, é o que indica a última Síntese de Indicadores Sociais divulgada³ e o rodapé é, ele mesmo, uma margem. Um corpo na margem, um corpo no centro e estão postos as territorialidades necessárias para que o racismo se torne um corpo único.

O assunto tem sido debatido com certa frequência na universidade e nos espaços psicanalíticos. Congressos, colóquios, seminários, artigos e teses são elaborados ao redor de títulos adjetivados, a exemplo de decolonial, descolonial, anticolonial, antirracista etc. O reconhecimento dos termos, bem como sua ampla circulação são importância, porém depende. Depende de quais corpos ocupam os espaços, depende de quem fala naqueles espaços, depende de quem escuta naqueles espaços. Não se reivindica, aqui, a exclusividade de pessoas negras e demais não-brancas como que destinadas para tratar do assunto. Muito

³ O total de pessoas de cor preta ou parda que cursavam o ensino superior, em 2015, era de 12,8%. Esse percentual representa um crescimento significativo em relação a 2005 (7,3% pontos percentuais), mas ainda ficou abaixo do percentual alcançado pelos jovens estudantes brancos 10 anos antes (17,8%) (IBGE, 2016, p. 62).

pelo contrário, quem inventou a ideia de raça foi um punhado de gente branca reunida lá na Europa para validar a propagação de suas perversidades mundo adentro. E, tudo dito, em nome do progresso ou da ganância ou de Deus ou do que mais se quisesse usar como circunstância para acortinar o racismo. Afinal, os que detinham a razão, o conhecimento e o dinheiro eram brancos! Logo, a branquitude tem mais é que (se) debater sobre o assunto mesmo.

Um bocado de gente da psicanálise da branquitude acredita estar consciente das “questões raciais” e da importância de uma “escuta racializada”. Creem que, enquanto corpos habitantes dos territórios da branquitude, estão atentas às pessoas da sua reprodução inconsciente de uma violência que é estruturante do sistema capitalista. A meu ver, aí está um grande perigo.

Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, a consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando a memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura; por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência. O que a gente vai tentar é sacar esse jogo aí das duas, também chamado de dialética. E, no que se refere à gente, à crioulada, a gente saca que a consciência faz tudo pra nossa história ser esquecida, tirada de cena. E apela pra tudo nesse sentido. Só que isso tá aí... e fala (GONZALEZ, 2020, p. 78).

Quão curioso é uma disciplina reconhecida pela sua aposta no inconsciente jogar tantas fichas na conscientização sobre o racismo como algo realmente viável? Talvez, a reprodução de violências assim, nos espaços psicanalíticos, que os corpos às margens vez em sempre nos trazem notícias, tenha a ver com a crença na tal da conscientização. Com isso não quero dizer que nada temos a fazer, que devemos cair numa espécie de niilismo psicanalítico em relação às “questões raciais”. O que eu gostaria é que os referidos espaços deixassem de se ocupar com os títulos — sejam aqueles resultantes de congressos, sejam aqueles de atividades preenchedoras de Lattes — e repetições tão necessárias à economia libidinal da branquitude. Façam aquilo ao que se propõem enquanto herdeiros da tradição freudiana: escutar e tratar o sintoma!

Outro tipo de resposta que também denota os efeitos do racismo cultural, de um lado, e do revanchismo, de outro, é o que considera a nossa fala como sendo “emocional”. O que não se percebe é que, no momento em que

denunciamos as múltiplas formas de exploração do povo negro em geral e da mulher negra em particular, a emoção, por razões óbvias, está muito mais em quem nos ouve. Na medida em que o racismo, enquanto discurso, se situa entre os discursos de exclusão, o grupo por ele excluído é tratado como objeto e não como sujeito. Consequentemente, é infantilizado, não tem direito a voz própria, é falado por ele. E ele diz o que quer, caracteriza o excluído de acordo com seus interesses e seus valores. No momento em que o excluído assume a própria fala e se põe como sujeito, a reação de quem ouve só pode se dar nos níveis acima caracterizados. O modo paternalista mais sutil é exatamente aquele que atribui o caráter de “discurso emocional” à verdade contundente da denúncia presente na fala do excluído. Para nós, é importante ressaltar que emoção, subjetividade e outras atribuições dadas ao nosso discurso não implicam uma renúncia à razão, mas, ao contrário, são um modo de torná-la mais concreta, mais humana e menos abstrata e/ou metafísica. Trata-se, no nosso caso, de uma outra razão (GONZALEZ, 2020, p. 43).

A branquitude não escuta! Quiçá, essa coisa surda seja um problema epistemológico, oriundo de todo o estruturalismo que permeia a tentativa de afrancesamento da psicanálise brasileira e que termina por atrapalhar um tanto a escuta ela mesma. Isso de uma linguagem alienante, da necessidade de um Outro em todo e qualquer espaço que o sujeito ocupe, impede que as brechas desalienantes que foram — e seguem sendo — transpassadas por corpos não-brancos no território brasileiro sejam utilizadas enquanto ferramentas políticas libertadoras. Lélia Gonzalez deu um nome pra isso: neurose cultural brasileira! É muito recalçamento! Com isso, não quero patologizar o comportamento da branquitude. Lá ela, pois, se li bem o revolucionário martiniquense Frantz Fanon, o hábito de patologizar e de “considerar o racismo uma disposição de espírito, uma tara psicológica, deve ser abandonado” (FANON, 2021, p. 77). O que quero é, assim como Oxum, mandar às favas o Narciso⁴ da

⁴ Oxum No espelho d'água
contemplava-se
Contornos arredondados
Amou-se

Água de cachoeira
límpida e misteriosa
desaguando intensa
redemoinhos no leito do rio
Molhava-se
Na rubra gruta secreta
Envolveu-se em profundidades
Provou sabores

Entre ais e ais em si mesma
Deleitou-se Mandou

Narciso às favas

Ninguém morre se amando (CUTI; KINTÊ, 2015, p. 7).

branquitude, tirar toda a infantilização que os “discursos do mestre” permitem — pelo seu papel de tutela — que os espaços de psicanálise executem.

Quero negritar um corte sexual que rompe a constelação familiar de formulações construídas em torno da primitividade e do infantilismo como atributos raciais e sexuais (MOTEN, 2023, p. 255). Quero, através das ideias de Lélia Gonzalez e outras pessoas autoras negras e marginais, abrir possibilidades para combater o espectro ideológico que assombra a psicanálise brasileira. Quero denunciar que o idealismo que a psicanálise da branquitude tem dificuldade de abrir mão é o que a faz reproduzir o racismo em seus espaços alienantes de transmissão.

Para isso, conto com uma antecipação preta de alguns dos aparatos conceituais fundamentais da psicanálise: da cena primária e do estádio do espelho que podem ser vistos operando num nível de uma determinação tanto racial como sexual, designada ou ocluída na psicanálise (MOTEN, 2023, p. 254). Uma duplicação antecipatória na verdade: mãe e preta.

Sexismo

[...] o homem negro incorpora a única comunidade de homens que tem a oportunidade específica de aprender quem é a mulher dentro de si, a criança que carrega a vida contra a aposta que pode ser fatídica, contra as probabilidades de pulverização e assassinato, incluindo o seu próprio. É a herança da mãe que o homem afro-americano deve recuperar como um respeito pela sua própria personalidade – o poder do “sim” à mulher interior.

Hortense Spillers em *Black, white, and in color : essays on American literature and culture*

O que pretende um homem querendo falar sobre sexismo num país onde o machismo também é uma das violências estruturantes? Há um sério risco daquele homem falante soar enganoso, equivocado e, até mesmo, violento. Acontece que sou um negro e aprendi — novamente, com Fanon — que “o negro não é um homem” (FANON, 2020, p. 22). O moderno humanismo de bolso não me contempla e o anti-humanismo pós-moderno não me comporta. Fico com Fanon na encruzilhada e também com Exu para que caminhos sejam viabilizados. Daí que desejo dar o poder do “sim” a que Spillers nos provoca porque a mãe preta é a mãe! Para isso, preciso de Lélia Gonzalez:

E quando a gente fala em função materna, a gente tá dizendo que a mãe preta, ao exercê-la, passou todos os valores que lhe diziam respeito pra criança brasileira, como diz Caio Prado Jr. Essa criança, esse *infans*, é a dita cultura brasileira, cuja língua é o pretuguês. A função materna diz respeito à internalização de valores, ao ensino da língua materna e a uma série de outras coisas mais que vão fazer parte do imaginário da gente. Ela passa pra gente esse mundo de coisas que a gente vai chamar de linguagem. E graças a ela, ao que ela passa, a gente entra na ordem da cultura, exatamente porque é ela quem nomeia o pai (GONZALEZ, 2020, p. 88).

Com a aproximação da ideia de “mãe preta” do significante “cultura” não tenho a intenção de colocar a mulher negra no lugar estereotipado que muitas vezes já lhe foi relegado. O que pretendo, ao modo de Lélia Gonzalez, é uma subversão. Pois, “não aceitamos tais estereótipos como reflexos ‘fiéis’ de uma realidade vivida com tanta dor e humilhação” (GONZALEZ, 2020, p. 54). A mãe preta é mais uma maneira de demonstrar como há uma potente cultura recalcada no Brasil, coisa que reverbera dentro dos espaços de transmissão de psicanálise.

Minha aposta pode ser facilmente apontada como uma espécie de culturalismo por parte dos psicanalistas. Nada muito novo e Freud já acusava alguns de seus detratores de tal postura, em 1914, no seu texto *Contribuição à história do movimento psicanalítico*. Dizia Freud que, na realidade, aquelas pessoas extraíram alguns tons da cultura da sinfonia do mundo e ignoraram a melodia primordial dos instintos (FREUD, 2012, p. 322). É como se o próprio Freud não percebesse que ele mesmo selecionava alguns tons da cultura e renegava outros.

Renegar a cultura é o mesmo que abraçar um subjetivismo pouco ocupado com as condições materiais que engendram nossas subjetividades. E o mais notório é que o mesmo Freud, em seu texto *O mal-estar na civilização*, de 1930, vai dizer que a psicanálise como cura terapêutica era muito menos importante do que a psicanálise como sistema teórico para a compreensão da cultura. Acontece que para Freud a tensão entre a cultura e o mal-estar não é vista como algo a ser solucionado, mas um problema inerente à relação entre o desejo individual e as proibições sociais. Posso ser provocado a responder ao clichê de que, no capitalismo, nosso desejo é realmente proibido. Sim, ele é. Mas aqui a ideia de mãe preta negrita toda sua importância se considerarmos que o corpo da mulher negra conserva a possibilidade de um Outro desejo. Um desejo que não pode alimentar a maquinaria do capitalismo global ou as críticas ao mesmo tempo porque o texto político fundamental aos dois campos não a contempla (FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 77). Aqui, eu, enquanto negro, posso reivindicar o poder do “sim” conjurado por Spillers (2003), buscar uma outra via

exploratória do desejo que coloque o corpo na cena e proporcione outros modos de se relacionar com a cultura a partir de outros elementos simbólicos. Ao mesmo tempo, posso afirmar que todo o movimento contraditório encontrado já em Freud, e bastante reproduzido na história da psicanálise até a atualidade, evidencia uma dificuldade danada de lidar com a contradição.

Cultura e contradição

[...] Lélia Gonzalez [...] fez da psicanálise não uma chave dialógica contrabandeada da Áustria, mas um ponto cantado que recusa a causalidade meramente orgânica das nossas psicopatologias crônicas e antepassadas.

Maria Ribeiro em seu *Ginecológicas: nascimento negro para além da tragédia*

Talvez, quando apresentei a proposta de uma *duplicação antecipatória*, tal ideia não tenha ficado tão escura quanto eu pretendo esteja. Gostaria, então, de dar um exemplo daquilo que comigo penso, compondo uma toada ao lado de Lélia Gonzalez.

Em seu livro *The Anti-Black City: Police Terror and Black Urban Life in Brazil*, Jaime Amparo Alves (2018) conta as histórias das Mães de Maio, um movimento de mulheres cujos filhos foram mortos pela polícia. Em 16 de maio de 2006, Débora Silva ligou numa transmissão de rádio e soube que seu filho havia sido morto pela polícia em São Paulo. Edson Rogério Silva estava visitando a mãe para comemorar o Dia das Mães e foi morto a tiros, em um posto de gasolina, tão logo saiu da casa de Débora. Débora lembra a Alves que, durante os anos da ditadura brasileira (1964-1985), a sociedade civil branca ficou comovida com a morte de jovens ativistas políticos de classe média e alta. Já, no atual “regime de direitos” democrático, umas mortes feitas a de Edson Rogério são esquecidas porque são negros e favelados. A significação escorrega quando se depara com o não-simbólico e a inexistência da negritude. O significante criança, ao se aproximar da negritude, cai. A criança e o criminoso se separam e se fundem numa figuração indiferenciada. Além disso, o significado da mãe e da feminilidade também perde o sentido no local da negritude, não tendo nem a capacidade de reprodução — a reprodução de uma criança e, por extensão, a reprodução das instituições da maternidade, da família e da sociedade civil — nem a capacidade de ser generificada já que a

condição de negritude carece de um corpo como local de coerência. Alves salienta que algumas mães recorreram à esfera pública numa luta para a democratizar. Confrontadas com a impossibilidade da maternidade negra na sociedade civil, no entanto, as mães negras das favelas permaneceram pouco convencidas do potencial para uma política de reconhecimento porque os seus filhos, salienta Debora Silva, eram “vítimas da própria democracia” (ALVES, 2018, p. 250). Toda essa explanação nos indica a impossibilidade ética de que todos se assentem à mesa que Mbembe (2022) nos sugere. Pois, como nos diz Maria Ribeiro:

A neurose “cultural brasileira”, escorada no racismo e no sexismo, tornou os corpos de mulheres negras — e indígenas e transexuais e refugiadas e outras — mapas nosográficos ambulantes. Vendo roçar nossos joelhos contra a parede, enquanto nos curra o católico senhor branco, o comitê pacifista insiste em demandar a totalidade minoritária reunida na sua ceia de ação de graças (RIBEIRO, 2023, p. 81).

Um psicanalista alienado em espaços de transmissão da branquitude vai conseguir escutar um negro filho de uma mãe negra solteira? Por onde, por exemplo, passaria o complexo de Édipo aí? Esse garoto talvez já o tenha superado de saída. Antecipação! Mas o capitalismo com toda a violência necessária para a sua manutenção exige que o retorno ao Édipo aconteça. A castração já superada pode retornar fardada, por exemplo. Duplicação! Ora, mas é exatamente disso que se trata o Outro, poderão dizer. Sim! Mas, certa vez, uma pessoa minha amiga disse que “pessoas negras estão a fim de produzir saídas, planos de fuga”. É, pelo menos, chamativo que, nos textos de Lélia Gonzalez, apenas uma menção à Édipo seja encontrada:

Nós aqui, no Brasil, temos uma África conosco, no nosso cotidiano. Nos nossos sambas, na estrutura de um candomblé, da macumba... Você vê, por exemplo, a oposição da mulher na família negra; é um negócio muito sério... A figura da mãe. Freud ia se faltar se ele fosse transar esse negócio de Édipo na África, porque é uma loucura mesmo. Agora, me parece, pelo que eu vi da África, pelo que eu vi dos Estados Unidos, pela transação que eu tive com o pessoal do Caribe... me parece que o Brasil tem um papel, assim, importantíssimo nessa síntese, de uma visão africana e de uma visão da diáspora. Porque, veja, nós internalizamos discursos diferentes, do índio e do branco. Não há dúvida que internalizamos. E a coisa que vai sair é uma outra coisa. Porque você não pode negar essa dinâmica dos contatos culturais, das trocas etc. e tal (GONZALEZ, 2020, p. 296).

É isso! O que Lélia Gonzalez faz com a psicanálise é apontar a necessidade de que ela esteja afinada com os tons da cultura que, por aqui, foi recalcada enquanto um campo de potencialidades. Ora, se encontramos na cultura a possibilidade de um desejo Outro, e essa cultura latente tem potencial político de ruptura e mudanças, “por que o negro é isso que a

lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós sabemos) domesticar?” (GONZALEZ, 2020, p. 77).

Lélia Gonzalez se utiliza da psicanálise para pensar a cultura, para que todo o arcabouço teórico psicanalítico tenha algum mínimo de sentido e função em território brasileiro. E lida com a contradição que é esse movimento apostando na cultura transmitida pela mãe preta. Contradição inerente à vida dos corpos às margens. Essa fronteira que corpos não-brancos e dissidentes de gênero têm de cruzar se quiserem ter parco acesso ao trabalho, à educação e à saúde também é cruzada para acessar aos espaços de transmissão da psicanálise. A lida com a contradição, tão constante na vida de corpos às margens, é uma espécie de recalque da psicanálise da branquitude, talvez porque essa última acredite — tamanha sua consciência — que nem precise disso, sei lá... Mas seu sintoma, que são os atos contraditórios que reproduzem as violências tão essenciais e estruturantes que o capitalismo necessita para existir, é gritante! A psicanálise só vai fazer função política, ter práxis social em território brasileiro quando parar com tanto mimetismo em relação à Europa. Por fim, repetindo uma pergunta feita para Lélia Gonzalez quando entrevistada pelo jornal O Pasquim, solto uma derradeira interpelação: *E que psicanálise fizeste?*

REFERÊNCIAS

ALVES, J.A. *The Anti-Black City: Police Terror and Black Urban Life*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2018.

CUTI e KINTÊ, Akins (org.). *Pretumel de chama e gozo: Antologia da poesia negro-brasileira erótica*. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2015.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

_____. *Por uma revolução africana: textos políticos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021

FERREIRA DA SILVA, D. *A dívida impagável*. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

FREUD, S. *Obras completas, volume 18: O mal-estar na cultura, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Obras completas, volume 11: Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro, 2020.

IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Síntese de indicadores sociais : uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

MBEMBE, A. Crítica da razão negra. São Paulo: n-1 Edições, 2022.

MOTEN, F. Na quebra: a estética da tradição radical preta. São Paulo: Crocodilo; n-1 Edições, 2023

PARKER, I. Cultura psicanalítica: discurso psicanalítico na sociedade ocidental. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

RIBEIRO, M. Ginecológicas: nascimento negro para além da tragédia. São Paulo: Ed. da autora, 2023.

SPILLERS, H. Black, white, and in color : essays on American literature and culture. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.